

Vivemos numa sociedade capitalista que exclui, discrimina, elimina, seleciona as pessoas pela sua origem social, raça, cultura, sexualidade, religião, concepção política e a escola não foge essa regra.

No ambiente escolar a discriminação social, ideológica, cultural, política e étnica é gritante e leva alguns estudantes a assumirem uma atitude defensiva, levando-os à negação de sua própria identidade, a não defender seus valores e idéias. Daí é necessário realizar um trabalho pedagógico que recupere a auto-estima desses alunos, possibilitando-lhes adotar outra atitude diária.

No cotidiano da escola geralmente ocorrem situações que envolvem pais, alunos, professores, funcionários e núcleo gestor no que diz respeito a falta de ética, respeito as diferenças culturais e raciais. Portanto é essencial trabalhar a pluralidade cultural e étnica com o intuito de provocar uma mudança em nossos educandos e educadores, voltados para uma transformação social.

A escola por sua vez, não pode ficar ausente da discussão sobre identidade, para o sociólogo Muniz Sodré está associada à representação que fazemos de nós e do outro e que isso define o lugar nas relações sociais que estabelecemos, pois a identidade é “*um processo histórico (é natural), isto é tensional e contraditório entre o singular e o universal*”ⁱ, porque a escola exerce uma forte influência no processo de construção de identidade do educando, impondo seus valores e crenças, não respeitando a sua individualidade, acaba reforçando o racismo.

Sabemos que a escola não é um lugar neutro, pois aglomera em torno de si as contradições, diferenças, a pluralidade racial e cultural, e deveria ter como meta trabalhar essa questão para ser o lugar da transformação e não da reprodução.

Não podemos esquecer de que a História do Brasil foi escrita por uma minoria que detinha o poder econômico e político do país, portanto, a historiografia brasileira tem como base a visão européia, e além disso, é etnocêntrica, e sempre viu o negro como escravo ou mercadoria, e o índio como selvagem.

Na escola, a abordagem sobre o negro se restringe ao período colonial, à abolição da escravatura (13 de maio) e o dia da consciência negra (20 de novembro). Entretanto, a abordagem nas unidades de ensino sobre as relações étnicas e sociais na educação e na sociedade deve necessariamente passar por uma análise do processo histórico de exploração, racismo e discriminação sofridas pelos negros e indígenas principalmente no país.

A sala de aula não é só um lugar de repassar as informações, é um espaço em que devem ser realizadas discussões, suscitar problemáticas, pois cada aula é única e tem a sua própria dinâmica.

Partindo do pressuposto que o ato de ensinar é um ato político, é necessário que o professor reveja a sua prática docente, respeite as diversas culturas existentes no país e trabalhe essa questão com seus alunos em sala de aula.

Nesse sentido, é importante construir um espaço na escola para discutir a história africana, mas para o estudioso Henrique Cunha Júnior é preciso ir além das contribuições africanas para a cultura brasileira e sim, a sua participação nos aspectos material, cultural e intelectual no país, pois “*Da forma que a idéia de contribuição tem sido desenvolvida a cultura brasileira fica representada como um prolongamento da cultura européia com alguns adereços das culturas indígenas e africanas. Postura da qual discordamos profundamente e consideramos não apenas equivocada como eurocêntrica e por vezes racista. Vamos considerar a introdução dos elementos culturais africanos no Brasil sob a idéia de reinterpretação*”.ⁱⁱ

Discutir como são construídas as relações étnicas e sociais na escola pública na cidade de Fortaleza significa penetrar num universo de contradições e problemáticas no que concerne a negação da presença negra que repercute na formação da identidade e auto-estima dos afrodescendentes no Ceará e isso é uma maneira de escamotear a realidade.

Nesse sentido, o estudo tem como objetivo analisar o cotidiano da escola pública procurando perceber como docentes e discentes estabelecem as relações étnicas e sociais em sala de aula, percebendo que algumas vozes precisam ser ouvidas, dentre estas, as dos negros.

ⁱ SODRÉ, Muniz. Claros e escuros. Identidade, povo e mídia no Brasil. São Paulo: Vozes, 1999, p. 141.

ⁱⁱ CUNHA JUNIOR, Henrique. A história africana na formação dos educadores. Cadernos de apoio ao ensino-UEM-NO.06-Abril/1999, p.64.